



Festa do Espírito Santo na ilha de São Miguel (Postal ilustrado, ca. 1900. Coleção particular)

As três estações do Espírito

Como se cruzam e delimitam os papéis de cada interveniente, sendo certo que se falar a casa, o império ou a igreja a festa do Espírito Santo não se completa? Eis uma pretensão, aparentemente simples, do Império do Espírito Santo, nos Açores.

1. A casa

A experiência do Espírito Santo começa num sujeito, numa atitude de fé pessoal, que se manifesta simbólica e materialmente. Deste, passa a toda a casa, alargando-se aos parentes e vizinhos. O principal do fenómeno - o menos mediático - acontece, pois, na casa: um quarto, um trono, um altar, os símbolos do Espírito Santo, a oração, o convívio alegre e fraterno, as esmolas, o jantar, como "função" imputada ao imperador.

Tudo isto é possível fazer-se por iniciativa pessoal e familiar sem grande interferência da irmandade (império). A casa, o império e a igreja não são lugares concorrentes do Espírito, mas concêntricos. Essa presença e experiência, nas casas, são largas no tempo (sete semanas).

2. O império

A segunda estação é o império como lugar de agregação de irmãos que partilham a mesma fé, o mesmo ideal e a mesma prática, salvaguardando assim o que por si, individualmente, poderiam não assegurar.

O império, por um lado, é quase um lugar paralelo à casa familiar onde a festa acontece, por outro, é o fontanário, a casa do Espírito Santo ou da irmandade para onde tudo converge. É como um ciclo concêntrico. A articulação entre casa e impé-

rio é muito diversificada. Há casos em que o império é que faz a festa, independentemente das casas dos irmãos. Outros, em que a festa é assumida nas casas particulares, sendo o império um suporte quanto à custódia das insígnias e à realização dos festejos de carácter público mais alargado.

A figura do imperador não trata diretamente do império, mas da casa, onde acontece a experiência religiosa, de reconhecimento agradecido por algo de extraordinário acontecido. O imperador nasce em casa, sendo reconhecido no império. Ao império cabe-lhe ter um mordomo, no verdadeiro sentido etimológico do termo, aquele que é mais responsável pelo cuidado da casa comum do Espírito Santo e dos irmãos, ou então um procurador, tal irmão mandatado e reconhecido por todos os membros da Irmandade para a representar por tempo determinado.

O imperador brota espontaneamente, por sortes (pelouro) ou por voto próprio (promessa). O mordomo ou procurador são lugares de governo da irmandade que não interferem no quadro familiar, totalmente autónomo da gestão do império. Ao império cabe-lhe organizar em cada semana do tempo pascal ou mesmo durante todo o ano a distribuição da coroa, assegurando-se de que os irmãos garantam a prática do culto do Espírito Santo, sejam como zeladores e ou simples irmãos de pelouro.

3. A igreja

Foi precisamente por se desejar, desde o século XI na Europa, com os monges (de Joaquim de Fiori) e, depois, os francisca-

nos (nos Açores, a partir do século XV), uma Igreja mais espiritual, santa, evangélica e fraterna, que apareceu o Império do Espírito Santo. Império do Espírito Santo e Igreja não se podem dar mal na substância. O Império do Espírito Santo aparece para que a Igreja seja mais perfeita, e espiritual, menos mundana e carnal. Neste sentido é que o Império do Espírito Santo é sempre uma provocação saudável à Igreja toda, pois ela está chamada à pobreza e à inocência, como à partilha e à abundância, à alegria e à festa, como à santidade e à justiça, frutos do Espírito Santo. Eis a alma e o autor do culto popular.

Conclusão

A festa do Espírito Santo começa na coração humilde de um crente, enche-lhe a casa de alegria, e passa para o império no terreiro. Faz-se na Igreja, lugar de comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Desce à cidade, ensaiando um novo modo de vida, a que se pode chamar, na globalidade da dinâmica, Império do Espírito Santo. ♦

HÉLDER FONSECA MENDES
 DOCENTE DE TEOLOGIA PASTORAL
 h-fonseca@iol.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores
 PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
 Direcção Regional da Cultura



Coroa e ceptro do Espírito Santo

Coroa do Espírito Santo

A coroa do Espírito Santo inspira-se na realeza da Europa medieval. Aparece representada também no cimo do império, em bandeiras, louças e no arroz doce; pode ser feita de espadão, latão ou prata. No Império, a coroa não é símbolo do poder, mas do gozo de dar, da responsabilidade de multiplicar e repartir, do esforço de preparar, própria de quem tem de governar com justiça e caridade. Na sua maioria, são construídas de prata batida, lavrada, contendo signos paráclitos, de quatro a seis imperiais. No cimo de um globo está uma cruz latina ou uma pombo, ou ambas. Podem ser decoradas com flores em tecido branco de cambráia. Do conjunto faz parte um ceptro e uma salva de apoio e transporte. ♦



Império da Arquinha (Ponta Delgada)

Império ou Teatro do Espírito Santo

Império (na Terceira) significa o lugar onde o Império acontece (Santa Maria). Também chamado de Teatro (São Miguel) ou Triatro (das três pessoas divinas) ou ainda Casa do Espírito Santo (Flores e Corvo). É um pequeno imóvel de alvenaria (também já foi móvel, de madeira), como capela ou "câmara" com a sua vereação, sede da Irmandade, de se realizam parte das festas do Espírito Santo e se guardam e expõem a insígnias. Teatro é o lugar elevado do chão, com quatro frentes e doze portas (tornadas janelas) ou suas repartições, onde se representam os papéis do Império com os ofícios ou funções e oficiais próprios, sem qualquer espécie de mímica depreciativa. ♦